



Especialização em Alfabetização e Multiletramento

Alfabetização e seus fundamentos
psicológicos e psicolinguísticos

Geranilde Costa e Silva

Edg
UECE



Especialização em
Alfabetização e
Multiletramento



Especialização em
Tecnologias Digitais
na Educação Básica



Especialização
em EaD



Especialização
em Gestão
Pedagógica



Especialização
em Língua
Inglêsa



Especialização
em Educação Física
na Educação Básica



Especialização
em
Audiodescrição



Especialização
em Legendagem



Especialização
em Artes



Especialização em Alfabetização e Multiletramento

Alfabetização e seus fundamentos psicológicos e psicolinguísticos

Geranilde Costa e Silva

2ª edição

Revista e Atualizada

Fortaleza - Ceará



2025



Especialização
em EaD



Especialização
em Gestão
Pedagógica



Especialização
em Língua
Inglesa



Especialização
em Educação Física
na Educação Básica



Especialização
em
Audiodescrição



Especialização
em Legendagem



Especialização
em Artes

Alfabetização e seus fundamentos psicológicos e psicolinguísticos

©2025 Copyright by Autores/Orgnizadores

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

Presidenta da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Presidente da CAPES

Denise Pires de Carvalho

Diretor de Educação a Distância da CAPES

Suzana dos Santos Gomes

Governador do Estado do Ceará

Elmano de Freitas da Costa

Reitor da Universidade Estadual do Ceará

Hidelbrando dos Santos Soares

Vice-Reitor

Dárcio Italo Alves Teixeira

Pró-Reitora de Pós-Graduação

Ana Paula Ribeiro Rodrigues

Coordenador da SATE e UAB/UECE

Francisco Fábio Castelo Branco

Coordenadora Adjunta UAB/UECE

Eloísa Maia Vidal

Direção do CED

Isabel Maria Sabino de Farias

Editora da EdUECE

Cleudene de Oliveira Aragão

Coordenação Editorial

Eloísa Maia Vidal

Assistente Editorial

Nayana Pessoa

Projeto Gráfico e Capa

Roberto Santos

Revisão Textual

Eleonora Lucas

Diagramador

Francisco Saraiva

Conselho Editorial

Ana Carolina Costa Pereira

Ana Cristina de Moraes

André Lima Sousa

Antonio Rodrigues Ferreira Junior

Daniele Alves Ferreira

Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão

Heraldo Simões Ferreira

Jamili Silva Fialho

Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro

Paula Bittencourt Vago

Paula Fabricia Brandão Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho

Sarah Maria Forte Diogo

Vicente Thiago Freire Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Geranilde Costa e
Alfabetização e seus fundamentos psicológicos e
psicolinguísticos [livro eletrônico] / Geranilde
Costa e Silva. -- 2. ed. -- Fortaleza, CE :
Editora da UECE, 2025.
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-83910-04-2

1. Alfabetização 2. Letramento 3. Psicologia
4. Psicolinguística I. Título.

25-281155

CDD-370.156

Índices para catálogo sistemático:

1. Alfabetização : Aprendizagem : Psicologia educacional 370.156

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Todos os direitos reservados

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará

CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893

www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Sumário

Apresentação	7
Capítulo 1 – Elementos históricos e culturais sobre o processo de letramento e alfabetização	9
2.O desenvolvimento cognitivo em Vygotsky	15
3. Repensando a Literatura utilizada no processo de Letramento e Alfabetização	18
Capítulo 2 – Letramento, alfabetização e as motivações, de aprender a ler e a escrever, por parte das crianças	27
1. Aprender a ler e escrever por parte das crianças: das motivações do/a leitor/a	29
2. A construção sócio psicológica da criança negra e não negra no contexto do letramento e da alfabetização	35
Sobre a autora	44

Apresentação

Prezado/a cursista,

Esta disciplina se chama Alfabetização e seus fundamentos psicológicos e psicolinguísticos, e foi elaborada na expectativa de poder contribuir para que você professor/a possa compreender a importância que tem a leitura e a escrita na sociedade, e em especial, na vida dos/as estudantes. E também entender como a escola pode contribuir para que o letramento e alfabetização se constituam em um processo positivo para a formação da identidade de crianças negras e não negras.

Para aprofundarmos o tema em questão trataremos de elementos sobre a história e cultura acerca do processo de letramento e alfabetização. Assim, apresentaremos o conceito de Letramento e Alfabetização e sua relação com a escola, dando ênfase a dados estatísticos sobre o analfabetismo e a teoria do desenvolvimento de Piaget e Vygotsky.

Ampliando esse debate discutiremos também o tipo de literatura que comumente é utilizada na escola para o trato do Letramento e da Alfabetização, de modo que apresentaremos outras literaturas tendo em vista a diversidade de estudantes que a escola acolhe.

Para finalizarmos abordaremos as motivações que as crianças possuem para com o Letramento e Alfabetização, tendo como ponto de partida suas histórias de vida e a leitura de mundo que trazem consigo. Para tanto, compreendendo que o/a professor/a tem um papel fundamental no processo de construção de leitores/as proficientes é que apresentaremos estratégias pedagógicas para tal fim. E fechando essa aula em seu último tópico discutiremos sobre a importância dos aspectos sócio psicológicos para que o/a estudante se sinta acolhido ou rejeitado pelos/as colegas em seu cotidiano escolar.

Assim, esperamos que você aprenda mais ainda sobre o processo de Letramento e Alfabetização tendo como premissa que a escola é de suma importância para que nossos/as os/as estudantes logrem sucesso e possam, de fato, se sentirem acolhidos/as e respeitados/as como seres humanos.

A autora

Capítulo

1

**Elementos históricos e
culturais sobre o processo de
letramento e alfabetização**

Objetivos

- Tratar da importância da leitura e da escrita na vida escolar.
- Discutir o Letramento e a Alfabetização como práticas docentes políticas escolares.
- (Re)pensar a literatura dita universal usada junto ao processo de Letramento e Alfabetização.

Introdução

A leitura e a escrita e sua relação com o processo de construção individual/coletivo



Figura 1 – Experiências de Ler e Escrever

Fonte: <https://www.google.com.br/search?biw=1280&bih=686&tbn=isch&sa=1&ei=>

Olá cursista, para pautar esse nosso diálogo solicitamos, primeiro, que você observe, com atenção, as **gravuras**¹ acima. Para ajudá-lo/a na leitura dessas imagens indicamos que busque identificar alguns elementos, tais como: **idade**, **sexo**, **cor**²/**raça**, expressão facial, local, dentre outros. Feito isso, lhe perguntamos: *Que relação existem entre essas imagens e a sua vida estudantil?* Ou: *Essas imagens lhe remetem ao seu cotidiano de trabalho?* E mais: *Como foi ou é sua relação com a leitura e a escrita?*

Para contribuirmos com essa sua reflexão, orientamos que tente buscar na **memória**³ momentos da sua vida estudantil. Tente lembrar das vivências do período de alfabetização e as experiências no campo do letramento, exigidas pela escola e/ou faculdade, acerca da leitura e da escrita.

Questões como estas são de suma importância para o estudo que agora daremos início, afinal de contas, antes de sermos docentes fomos alunos/

¹Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=crianças&>

²Para Guimarães (2008) explica essa classificação dizendo que a identificação da cor é feita usando o critério racial, ou seja, quando nos referimos a alguém como moreno, pardo ou mulato estamos usando o critério de raça.

³Segundo Le Goff (2004) o processo de memória permite além da busca dos vestígios, o que ficou "esquecido", mas também permite a releitura desses vestígios. Assumindo a existência do ontem e do hoje.

as, temos um sexo, uma cor/raça e estamos marcados/as por um tempo histórico e cultural.

Tendo como referência essa memória podemos concluir que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita acompanham, a História de vida de cada professor e cada professora, mas que estas acontecem de forma enlaçada com outros elementos de nossas vidas.

Levando em consideração o lugar de destaque que o Letramento e a Alfabetização têm na sociedade moderna, e em especial, na escola, mas também, em nossas vidas, buscaremos, assim, trazer alguns elementos históricos e culturais que possam contribuir para novas aprendizagens sobre o tema em questão. Mas antes, vamos lembrar o conceito de Letramento e de Alfabetização, pois são centrais nessa nossa discussão uma vez que estamos tratando da leitura e escrita e sua relação com a escola.

Segundo Magda Soares (2008), o Letramento se refere aos comportamentos e as práticas sociais desenvolvidas em função da leitura e da escrita. Já o termo Alfabetização é definido por Telma Leal (2012) como o processo pelo qual se adquire a escrita alfabética e as habilidades para ler e escrever.

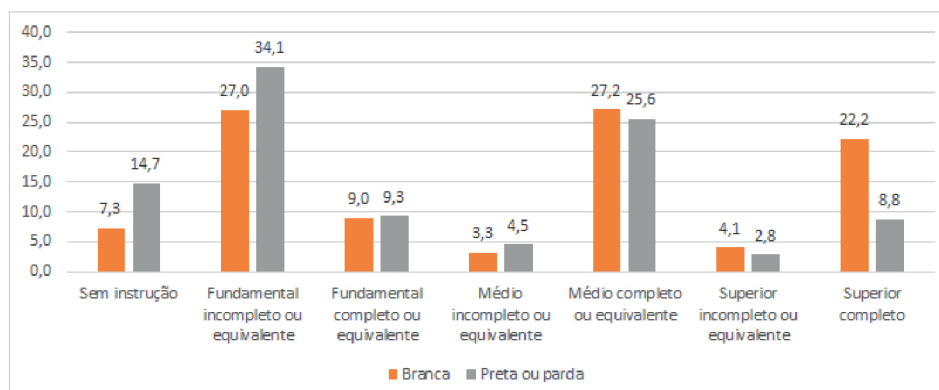
Ainda que a Alfabetização esteja entre as prioridades do sistema educacional brasileiro as taxas de analfabetismo e de escolarização dos/as brasileiros/as não são nada animadoras. Vejamos, pois, logo abaixo dados do ano de 2016 apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD), sobre a não alfabetização e escolarização no Brasil:

- A taxa de analfabetismo no país foi de 7,2% em 2016 o que equivalia a 11,8 milhões de analfabetos, variando de 14,8% no Nordeste a 3,6% no Sul;
- Desigualdade na instrução escolar por região, comparativamente, Nordeste e Sudeste, por exemplo: no Nordeste, 52,6% sequer haviam concluído o ensino fundamental. No Sudeste, 51,1% tinham pelo menos o ensino médio completo;
- Para as pessoas de 6 a 14 anos as taxas de escolarização atingiram o índice de 99,2%, e para as pessoas de 15 a 17 anos, 87,9%. Entre os jovens de 18 a 24 anos, 32,8% estavam frequentando escola e 23,8% cursavam o ensino superior.

No que se refere ao quesito raça/cor as informações da PNAD (2016) mostram que a **população negra**⁴ (soma de pretos + pardos) está em situação pior em comparação à população branca. Na distribuição das pessoas (brancas e negras), de 25 anos ou mais, os índices evidenciam essa desvantagem no campo da educação, logo abaixo exposto, por meio do gráfico:

⁴ Conceituação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

População Negra x Branca: acesso à educação



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>

Diante dessas informações da PNAD (2016) sobre a taxa de pessoas (negras e brancas) não alfabetizadas no Brasil lançamos, a você professor, a você professora, algumas indagações que julgamos pertinentes. Vamos lá!!

Para refletir

1. Levando em importância o que foi exposto até presente momento pense:
2. Que elementos o/a docente deve valorizar quando o assunto é o Letramento e a Alfabetização?
3. Qual a relevância da raça/etnia, sexo, cultura, e outros quesitos, quanto o assunto é Letramento e a Alfabetização?
4. O processo de Letramento e de Alfabetização é uma prática desvinculada das questões sócio-políticas, raciais e/ou culturais?

Para verificar o nível de aprendizagem de leitura e escrita dos/as estudantes brasileiros, o Ministério da Educação (MEC) criou a Matriz de Descritores. Trata-se de uma associação entre conteúdos curriculares e operações mentais desenvolvidas pelo/a aluno/a, que evidenciam certas competências e habilidades. Dessa forma os descritores são utilizados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)⁵, que compreende as seguintes avaliações:

Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), mais conhecida como Prova Brasil, aplicada a cada 02 (dois) anos, do 5º ao 9º ano, avaliando as competências e habilidades em Língua Portuguesa (foco na leitura) e Matemática (foco na resolução de problemas);

Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB), aplicada com a mesma periodicidade da Prova Brasil. No entanto, atua de forma amostral, em escolas e alunos/as da rede pública e privada do país: em áreas urbanas e rurais, nas turmas de 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª no do Ensino Médio regular. Também avaliando competências e habilidades em Língua Portuguesa e Matemática

⁵ Objetiva avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Nos testes aplicados na quarta e oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>

O fato de o MEC ter privilegiado a Língua Portuguesa e a Matemática junto a Prova Brasil e a ANEB tem provocado sérias alterações no currículo escolar. Isso porque, de um lado, tem reforçado a ideia de superioridade dessas duas componentes frente às demais. E de outro, porque a leitura, segundo essa óptica governamental, é tratada apenas como um ato mecânico de decifrar sinais gráficos. Dessa forma, portanto, o letramento dessas crianças vem sendo alterado em função do SAEB e da Prova Brasil e, desconsiderando, portanto, o debate que hoje se faz sobre os múltiplos letramentos.

Para a criação dessa Matriz de Descritores foram utilizadas como referência as ideias do suíço e botânico Jean Piaget (1896 - 1980), sobre o processo de construção da inteligência humana. E também as ideias do médico e psicólogo e moscovita Lev Vygotsky (1896 - 1934), sobre a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. Logo abaixo trataremos um pouco desses dois referenciais sobre o desenvolvimento do cognitivo humano.

Desenvolvimento Segundo Piaget

Desenvolvimento orientado de dentro para fora.



Fonte: <http://www.metodista.br/ead/rea/desenvolvimento-segundo-a-piaget/>

De forma resumida é possível dizer que a Teoria de Jean Piaget (1995) tem por objetivo explicar como ocorrem os processos de aquisição dos conhecimentos. E assim, se interessa por saber como se organiza o conhecimento humano ao longo do desenvolvimento cognitivo/etário.

Piaget ainda definiu quatro estágios de desenvolvimento:

- 1º - sensório-motor: vai até os 2 anos de idade;
- 2º - pré-operatório: ocorre na faixa dos 2 aos 7 anos de idade;
- 3º - operatório concreto: ocorre na faixa dos 7 aos 11 anos de idade;
- 4º - operatório formal: ocorre na faixa dos 12 aos 15 anos de idade.

Importante dizer que Jean Piaget foi (ainda é) muito criticado pela supervalorização que deu em seus estudos à biologia para explicar o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma para tratar do processo de construção da inteligência humana, Jean Piaget (1995), supervalorizou os fatores biológicos (chamados estágios do desenvolvimento) e para tanto não enfatizou questões como, por exemplo: sexo, cultura, raça/cor, dentre outras.

2. O desenvolvimento cognitivo em Vygotsky

Por sua vez, Vygotsky (2012), médico e psicólogo, ao tratar do desenvolvimento humano (biológico e intelectual), aponta que para além da determinação biológica o indivíduo está de sobremaneira marcado social e culturalmente pelo seu tempo histórico. Daí a importância da Educação, pois a ideia de que o comportamento do ser humano é formado pelas particularidades e condições biológicas e sociais do seu crescimento.

Dessa forma, segundo Vygotsky (2012) o fator biológico é de suma importância pois é quem determina a base, o fundamento das reações inatas, portanto, o organismo não tem condição de sair dos limites desse fundamento, sobre o qual se erige um sistema de reações adquiridas. No entanto, ele atribui também grande valor às relações sociais, ou seja, o convívio com o outro, para assim, agir e reagir com o meio, e com as outras pessoas, de modo que o ser humano. A ação de integração tem início, pela criança, logo em tenra idade, e já passa a interagir com o meio social/cultura estabelecido, mas pode também tecer influência sobre os mesmos. Como exibido nas imagens abaixo:



Figura 2 – Interação entre crianças

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=intera%C3%A7%C3>

No entanto, segundo Alberto Manguel (1997) é possível dizer quanto ao ato de ler e escrever, ou seja, decifrar e usar códigos linguísticos, que se trata na verdade, de uma característica humana herdada desde o momento em que primeiro escreva arranhou e murmurou as primeiras letras.

Por sua vez, essa ideia é também compartilhada pelo sábio africano Tierno Bokar (1957), quando este argumenta que a oralidade faz nascer a escrita, desde o início dos tempos bem como no próprio indivíduo.

Considerando como verdadeiros esses dois pressupostos comuns acima sobre a nossa capacidade humana de sermos alfabetizados/as ainda assim muitas crianças, jovens e adultos vivem o drama de não conseguirem aprender a ler e escrever. Frente a tal contexto educacional lançamos a você professor, a você professora as seguintes indagações:

Para refletir

1. O que leva uma criança a não ter sucesso na alfabetização?
2. Que importância tem as práticas pedagógicas nesse contexto de não aprendizagem?
3. Qual a responsabilidade da escola sobre tal contexto?
4. Como alterar tal realidade educacional?

Magna Soares (2008) participa desse debate dizendo que por muito tempo a sociedade colocou sobre estas a culpa pelo seu insucesso escolar, usando para tal a ideologia da não aptidão ou vocação para a leitura e escrita, assim a escola nada tinha de responsabilidade sobre esse drama.

No entanto, sabemos nós, professores e professoras, que a escola tem o compromisso em desenvolver práticas pedagógicas que promovam a inclusão, que permitam aos/as estudantes aprenderem a ler e escrever, além de viverem de forma respeitosa. Emília Ferreiro (2010) contribui com esse debate explicando que não há prática pedagógica neutra ou aleatória. Todas estão apoiadas em um certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem”.

Nesse sentido, compreendemos que para exercer a docência como alfabetizador/a se faz necessário, primeiro, compreender como acontece a identificação dos grafemas pela criança e de como o processamento em leitura ocorre em nível cerebral. Segundo, sendo a docência uma função altamente qualificada requer do professor/a, principalmente nos anos iniciais, saberes e práticas em várias áreas de conhecimento - cognição, neurologia, psicologia, linguística, literatura e pedagogia.

A partir dessas considerações acima é possível evidenciar o compromisso que a escola tem no sentido de desenvolver ações pedagógicas que permita aos/as estudantes ler e escrever com fluência, além de adquirirem outras habilidades que os/as permita acessar os diversos gêneros textuais.

Cabe, todavia, lembrar a você, professor/a que o/a discente participa do processo de Letramento e/ou Alfabetização, como um ser ativo e pensante. Estando, portanto, ligado a marcados/as que já o determinam como pessoa, como, por exemplo, o sexo, a raça/cor, a religião e/ou religiosidade, cultura, etc.. De modo que ao pensar em práticas pedagógicas voltadas ao Letramento e a Alfabetização essas devem sempre levar em consideração o público a que se destina, e suas especificidades.

Não temos por intenção negligenciar ou minimizar a relevância de Piaget para os estudos da psicologia do desenvolvimento, mas compreender sua limitação no que concerne ao desenvolvimento da pessoa na sua integralidade. Isso porque, ao supervalorizar o foco biológico, desconsiderou questões outras, também de grande relevância, tais como, as questões de gênero, a religiosidade, elementos culturais e/ou raça/cor.

No caso específico do Brasil, é possível dizer que essa concepção de desenvolvimento da inteligência humana de Piaget não tem contribuído para o debate acerca do racismo. E também para o trato de outras questões vividas, por crianças, jovens e adultos, negras e não negras, dentro e fora do cotidiano escolar, o que tem influenciado de sobremaneira negativa sobre o desenvolvimento psicossocial dessas.

No que refere a Vigotsky, uma vez afirmando que o desenvolvimento do ser humano está diretamente relacionado ao biológico, ao seu tempo histórico e social, aponta para a necessidade do/a docente compreender o sujeito da aprendizagem a partir das condicionantes que o faz ser quem ele/ela é.

Frente a essas questões acima tratadas é possível dizer que para tratar do processo de alfabetização e letramento é de sobremaneira necessário que a escola leve em consideração os marcadores das histórias de vida de seus estudantes. Pois, de posse desses marcadores a escola poderá tratar estratégias pedagógicas que promovam o respeito à diversidade que acolhe em seu cotidiano.

Professor, Professora, chegamos ao final de nossa primeira aula e temos a expectativa de ter contribuído para que você tenha conseguido adquirir novas aprendizagens sobre o tema do Letramento e da Alfabetização, levando em consideração o lugar de importância que tem esse debate para a escola e para sua vida profissional.

No próximo módulo aprofundaremos mais o debate sobre o tema do Letramento e da Alfabetização tendo como pano de fundo a Literatura afro-brasileira e indígena. Logo abaixo segue algumas questões avaliativas, aproveite para colocar suas respostas/reflexões no *chat* que será proposto por seu tutor, em dia e horário a ser por ele informado.

3. Repensando a literatura utilizada no processo de letramento e alfabetização

Vamos iniciar esse tópico de aula com algumas indagações: Como o/a docente escolhe o repertório literário que usará no processo de Letramento e Alfabetização dos/as estudantes? Quais os critérios utilizados, pelo/a professor/a, para a escolha da literatura a ser tratada junto ao processo de Letramento e a Alfabetização discente?

A escola é um espaço compartilhado por uma diversidade de estudantes, e é nesse contexto que consideramos importante retomar o pensamento de Magda Soares (2008) quando esta afirma não existir prática docente neutra ou ingênua. Nesse sentido, cabe então a afirmativa de que os/as docentes devem desenvolver práticas pedagógicas que permitam aos/as alunos/as se enxergarem e/ou se reconhecerem no currículo.

Ao indagarmos, logo acima, acerca dos critérios utilizados pelos/as docentes para a escolha da literatura a ser abordada na escola, partimos do princípio de que todo/a educador/a rege suas práticas pedagógicas, a partir de suas convicções **filosóficas**⁶ e **ideológicas**⁷. Assim, podemos dizer que todo/a professor/a está determinado/a e, portanto, determina sua docência pelas orientações filosóficas e ideológicas que possui. Dessa forma, requer ao/a professor/a ter consciência plena de que a escolha de um livro, a metodologia e avaliação de ensino, o modo como se relacionado com os/as discentes e colegas de profissão, está pautado justamente em concepções filosóficas e ideológicas de entender a sociedade, em especial a educação.

Isso quer dizer que o/a professor/a tem grande responsabilidade no modo como é construído o currículo escolar, ou seja, como são escolhidas as temáticas e como estas são abordadas. Nesse sentido, a escolha da literatura a ser tratada em práticas de leituras e de alfabetização, está alicerçada em interesses filosóficos e ideológicos, que vem assim determinar o currículo escolar. Para tanto, é no espaço do currículo que o/a docente pode, ou não, colocar em pauta, por exemplo: a organização socioeconômica com ênfase na diversidade cultural que compõe o nosso tapete social.

Uma das formas dos/as estudantes se perceberem no currículo escolar é por meio da literatura, ou seja, livros, textos, vídeos, músicas, imagens, etc., que retrate suas vidas como pessoas que possuem uma condição socioeconômica, sexo, raça/cor, religião e/ou religiosidade, cultura, dentre outros marcadores. Para tanto, se faz necessário uma revisão também das práticas pedagógicas quando o assunto é Letramento e Alfabetização, pois diante das questões acima, requer o uso de uma literatura que dê conta e/ou leve em consideração as pessoas a quem se destina essa ação pedagógica. Por-

⁶Filosofia é um campo do conhecimento que estuda a existência humana e o saber por meio da análise racional. Os principais temas abordados pela filosofia são: a existência e a mente humana, o saber, a verdade, os valores morais, a linguagem, etc. Fonte: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-filosofia/>

⁷ A ideologia é o conjunto de ideias fundamentais que caracteriza o pensamento de uma pessoa, de uma coletividade ou de uma época. Também se trata da doutrina filosófica centrada no estudo da origem das ideias. Fonte: <https://conceito.de/ideologia>

tanto, é possível dizer que diferentes contextos sociais/culturais requer um Letramento e Alfabetização que também aborde e/ou trate da produção das particularidades de seus/suas participantes. Podemos, assim, afirmar que, por exemplo, para o letramento e alfabetização de mulheres catadoras de caju, requer uma literatura que aborde a vida das mulheres, seus cotidianos, suas experiências e expectativas, etc. Da mesma forma, ao se tratar do letramento e alfabetização de crianças se requer uma literatura que fale de crianças em diversos contextos, de modo que o/a estudante seja tocada por essa literatura.

Carlos Moore (2010) afirma que o **marxismo**⁸ serviu, por muito tempo, como único referencial teórico utilizado nos cursos de formação humana, em especial de professores/as, para tratar de compreender a vida, os conflitos interpessoais, as relações de poder, o cotidiano das instituições, a educação e as relações sociais e pessoais. Dessa forma, as pessoas foram categorizadas pela classe a que pertenciam, existindo, no entanto, duas classes, sendo elas: a trabalhadora e/ou proletariado, e a proprietária dos meios de produção de bens materiais.

Ao buscar entender a vida, e nesse caso particular o/a aluno/a, somente pelo viés capitalista, ou seja, da classe social, os cursos de formação de professores/as, infelizmente, contribuíram para que fossem negadas e/ou veladas condições outras que também nos permitem compreender a vida em sociedade. Então, podemos dizer que foi colocado na invisibilidade por anos afio, por exemplo, o pertencimento étnicorracial, a filiação religiosa, a orientação sexual, as relações interpessoais, o envolvimento em grupos socioculturais, elementos esses tão caros a nossas vidas.

Se por um lado, a vida das pessoas, pelo olhar capitalista, foi categorizada somente pelo lugar social que elas ocupavam na estrutura econômica. Por outro, e de modo dissonante, na escola, a literatura usada, principalmente, junto às crianças, se reportava aos contos de fadas, que assim, pouco ou nada, contribuíam para o debate sobre a nossa realidade social. Mas também, de forma paralela, se utilizava de uma literatura com abordagem unicultural ou da cultura única, ou seja, uma cultura que enaltecia a cultura europeia em detrimento da cultura indígena e afro-brasileira.

Ao propormos discutir sobre o tipo de literatura que vem sendo usada para dar conta do Letramento e da Alfabetização, estamos buscando questionar o uso de uma literatura dita universal, portanto, hegemônica, que é utilizada na escola sob a justificativa de ser portadora da cultura e da história universal.

De modo que essa literatura foi paulatinamente tratando de consolidar cultura e a história como algo estático, e por isso, sem possibilidade de ser questionada e/ou modificada.

⁸Nome dado a uma teoria filosófica, política e econômica criada pelo filósofo social alemão Karl Marx (1818-1883) e com o auxílio do seu colaborador e revolucionário alemão Friedrich Engels (1820-1895), durante os anos de 1840 e 1850. O pensamento principal da teoria marxista é o trabalho e a luta de classes como o “motor da história”, não esquecendo da produção dos bens materiais como o fator condicional da vida social, política e intelectual. Fonte: <https://www.significadosbr.com.br/marxismo>.

Nesse sentido, para quebrar esse tipo de pensamento excludente é preciso pensar que práticas de Alfabetização e Letramento inclusivas dependem tanto de quem as elabora bem como das condições materiais e histórias que as circundam. Para que possam lembrar com mais exatidão da literatura, dita clássica, a qual nos referimos, logo abaixo, expomos alguns exemplos dessa literatura considerada universal.



Figura 3 – Literatura considerada universal

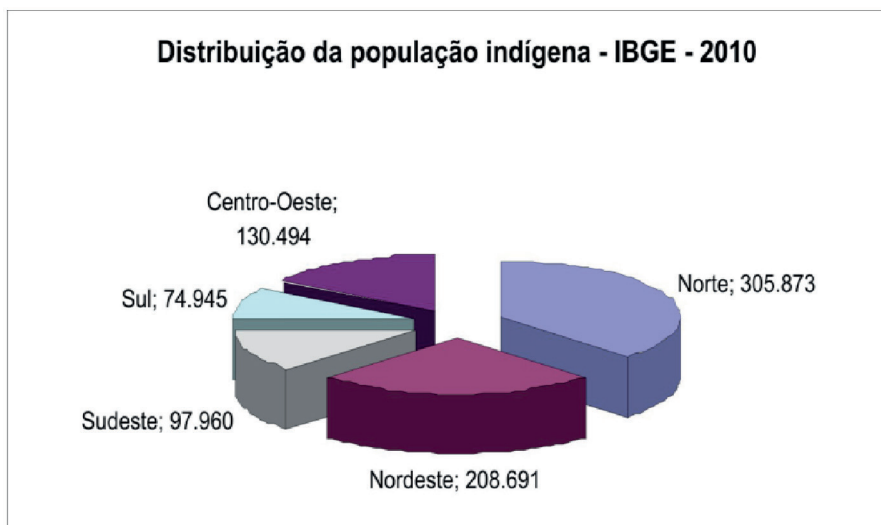
Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=rapunzel&source=lnms&tbm=isch&sa>

O uso exclusivo dessa literatura na/pela escola vem negar, primeiro, que vivemos em sociedade multicultural e que a nossa sociedade se originou a partir do massacre de negros e índios pelo branco colonizar. Sendo esse massacre forjado pela violência física e psíquica do elemento branco sobre negros e índios. Segundo, que o Brasil tem dentre suas marcas sociais

o racismo **antinegro**⁹ e indígena. Frente a essa afirmativa e defesa acerca da existência de uma literatura dita clássica, podemos indagar, por exemplo: quem e quando foi feita essa classificação literária?; Ou ainda, se existe uma literatura clássica, as outras literaturas recebem que tipo de status?

No que se refere à formação da população brasileira, na atualidade dados do IBGE do ano de 2010 nos informam, primeiro, que somos aproximadamente 799 milhões de pessoas, sendo 52,9% de negros, soma daqueles que se declaram pretos e pardos, pelos critérios do citado instituto.

Sobre a presença da população indígena, segundo dados do IBGE (2010), essa se configurava em 817.963 mil indígenas, representado por 305 diferentes etnias, estando essa população presente nas regiões brasileiras da seguinte forma, logo abaixo disposta.



Fonte: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>

Frente a essa estatística constatamos também que a população negra está em maioria na escola pública. No entanto, ainda que negros e negras sejam maioria em nosso país e estejam em número superior na escola pública de educação básica, ainda se requer a criação de um currículo escolar comprometido com práticas docentes voltadas à educação das relações étnicorraciais, o respeito e a valorização da cultura negra.

Tendo consciência dessa presença negra na escola é que o MEC atendendo reivindicações do Movimento Negros e de outros grupos instituiu a Lei nº 11.6545/08, dando obrigatoriedade ao ensino de História e Cultura Africana e Indígena na educação básica (públicas e particulares).

Levando em tempo os dados acima sobre a população negra e indígena se faz necessário que a escola busque fazer uso também da produção textual ou da literatura de base indígena, afro-brasileira para o Letramento e Al-

⁹Segundo Cunha Jr. (2001) o racismo antinegro fundamenta a formação social brasileira e produz o processo de dominação sobre os grupos socialmente denominados como negros, escuros ou pretos, pelos grupos de claros ou brancos.

fabetização. Pois essas literaturas assumem um lugar de *objeto cultural*, com função primeira de remeter-se à própria cultura de um povo. Trazendo, assim para o cenário literário a escrita de mulheres e homens negros e indígenas, enquanto sujeitos políticos e históricos que fazem da situação da escrita um espaço para produção de conhecimento. De forma que a literatura de base indígena e afrodescendente permite conhecer não somente a voz daquele que o/a produziu de forma, direta ou indireta, mas de seu lócus cultural.

Daí que essa proposta de prática de letramento e alfabetização diferenciada, e porque não dizer, inclusiva, representa uma possibilidade em que professores/as e alunos/as podem, por meio dessa literatura interromper o silêncio existente sobre as questões e conflitos étnicorraciais vividos dentro e fora da escola. Isso porque esse referencial literário traz particularidades e singularidades do povo negro e indígena, de modo que pode contribuir para que, docentes e discentes consigam, portanto, estabelecer, novas e/ou outras formas de linguagem, que permitam sensibilizar o/a leitor/a, por meio da raiz do imaginário, de um lado, pelas atitudes, palavras e comportamentos, mas também pelos nossos valores, crenças e emoções.

A inserção dessa literatura, segundo Silva (2013), é de suma importância para a desconstrução de estereótipos, podendo incidir no imaginário, favorecendo *o pensar sobre e a partir de então*, a produção de novos conceitos, atitudes e ações quanto ao *ser negro*, pois “atos imaginativos antecedem mudanças em nossas atitudes e ações”. Logo abaixo apresentamos alguns títulos dessa literatura.



Figura 4 – Literatura Negra e Indígena

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=literatura+afrodescendente&biw=1280&bih=68>

Segundo Kleiman (1995), ainda é muito presente no contexto escolar a defesa acerca da existência de um modelo de Letramento e Alfabetização autônomos, ou seja, descontextualizado e, portanto, descomprometido com a realidade social e cultural dos/as estudantes. Podemos lembrar, por exemplo, como foi (e ainda é) ensinado o alfabeto. Logo abaixo, uma imagem sobre tal contexto:



Figura 5 – Abecedário popularmente usado na escola

Fonte: <https://www.google.com/search?q=alfabeto&client=firefox-b-ab&source=l>

Dessa forma, muito comum foi o investimento, por parte dos/as docentes, para que os/as discentes aprendessem o alfabeto por meio de uma sequência a ser memorizada, contudo sem uma contextualização acerca dos objetos como elementos culturais, presentes, ou não na vida de quem aprendia. Podemos citar, por exemplo, que ao ser ensinada a letra “I”, como “I de Índio”, a escola não abordava sobre o que Ser Índio, como grupo étnico racial e suas condições de vida em nosso país.

Seguindo essa linha de raciocínio podemos indagar se seria então possível pensar em ensinar o mesmo alfabeto tendo como referência elementos da cultura afro-brasileira, como, por exemplo: “A de África”; “B de berimbau”; “C de cabaça”, e assim, por diante. Ou ainda, no caso, da matriz indígena, ensina o alfabeto como “A de Amazônia, “B de banho”; T de tapioca”, etc.

Assim, o ensino do alfabeto, ou seja, das letras se constituía como bem disse Kleiman (1995) como algo autônomo, deslocado e distanciado da vida dos alunos e alunas. Afinal de contas, no que se refere à população negra e indígena, cabe à escola tratar com seriedade sobre a presença e condição de vida dos mesmos, tirando-os da indivisibilidade a que foram submetidos por tempos a fio.

Ao fazermos a defesa pela inclusão de uma literatura afro e indígena para o desenvolvimento do Letramento e da Alfabetização é porque acreditamos que a escola precisa urgentemente considerar que práticas de letramento e alfabetização também se constituem em práticas políticas. Todavia, com interesse que o processo de aprendizagem de letramento e alfabetização ocorra de forma a estar comprometidos com as diversidades e particularidades de estudantes.

Dessa forma, acreditamos que esse pode ser é um dos caminhos para que a escola reveja seu lugar como instituição escolar e educativa que não apenas recebe estudantes, mas que constrói estratégias pedagógicas inclu-

sivas, no campo do Letramento e da Alfabetização. Portanto, uma instituição comprometida com a aprendizagem tendo como referências o lugar social e culturais de seus alunos e alunas.

Professor, Professora, chegamos ao final de nossa segunda aula e temos a expectativa de ter contribuído mais ainda para que você tenha conseguido adquirir novas aprendizagens sobre o tema do Letramento e da Alfabetização, levando em consideração o lugar de destaque que tem esse debate para a escola e para sua vida profissional.

No próximo módulo aprofundaremos mais o debate sobre o tema do Letramento e da Alfabetização pautando o desejo de aprender a ler e a escrever, por parte das crianças.

Síntese do capítulo



Esse capítulo teve por finalidade tratar da importância da leitura e da escrita na vida de crianças levando em consideração o papel social da escola. Para tanto, precisamos discutir o Letramento e a Alfabetização como práticas docentes políticas, ou seja, como um ato político, por parte da escola, para o enfrentamento das desigualdades sociais. No entanto, é preciso (re)pensar a literatura usualmente tratada na escola, que em sua grande maioria dar ênfase apenas a pessoas e/ou personagens brancos, de modo que não representa ou torna invisível negros e índios como também representantes da construção cultural de nosso país.

Atividades de avaliação



1. A escola tem conseguido desenvolver o Letramento e a Alfabetização, levando em consideração as particularidades (sexo, raça/cor, religião e/ou religiosidade, etc.) de seus/as estudantes? Justifique.
2. Tendo em consideração os pressupostos de Jean Piaget e de Lev Vygotsky, sobre o desenvolvimento da inteligência humana, solicitamos que você produza um texto narrativo apresentando elementos de sua história de vida, dando destaque a etapas do seu passado que envolvem o processo de Letramento e Alfabetização. E fatos do hoje, apresentando sua relação com a Leitura e a Escrita. Lembrando que você pode anexar imagens.
3. Pensando sobre a literatura utilizada no processo de Letramento e a Alfabetização, busque explicar como faz tal escolha. Justifique.

4. A partir do debate feito sobre o tipo de literatura utilizada na escola, em geral considerada clássica, você considera importante conhecer outras obras que traga outras referências culturais? Justifique.

Leituras, filmes e sites



BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2007.

DUARTE, E. A. **Literatura afro-brasileira**: um conceito em construção. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31, p. 11–23, jan./jun. 2008.

GUEDES, K. A literatura indígena e o respeito à pluralidade cultural brasileira. **Recanto das Letras**, 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/3585037>. Acesso em: 29 abr. 2018.

Referências



BOUBOU, H.; KI-ZERBO, J. Lugar da história na sociedade africana. In: KIZERBO, J. (org.). **História geral da África**: metodologia e pré-história. São Paulo: Ática/UNESCO, 2010. v. 1. p. 25–40.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KLEIMAN, Â. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOORE, C. **O Marxismo e a questão racial**: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010. (Coleção Repensando África, Vol. 5).

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/DEBAS, 1995.

PLATAFORMA DO LETRAMENTO. Entrevista com Magda Soares. **YouTube**, 19 set. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=7&v=wIznCg__Ad0. Acesso em: 18 abr. 2018.

SILVA, G. C. **Pretagogia**: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal do Ceará, 2018.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2008.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 14. ed. São Paulo: Ícone, 2012.

Capítulo

2

**Letramento, alfabetização e
as motivações de aprender
a ler e a escrever, por parte
das crianças**

Objetivos

- Refletir sobre as motivações das crianças pelo ato de ler e escrever.
- Analisar o lugar de importância do/a professor/a para que a criança se interesse pela leitura e escrita.
- Compreender os efeitos negativos do racismo e o *bullying* para o processo de aprendizagem das crianças.

1. Aprender a ler e escrever por parte das crianças: das motivações do/a leitor/a

Olá, professor(a)!

Esperamos que esteja gostando de nossas aulas e que elas estejam lhe ajudando a (re)pensar um pouco mais sobre suas práticas docentes no que se referem ao Letramento e a Alfabetização. Afinal de contas é de suma importância essa permanente reflexão buscando assim qualificar cada vez mais o nosso fazer docente.

Vimos na aula anterior, primeiro, sobre o Letramento e a Alfabetização a partir de elementos históricos e culturais. Depois tratamos sobre a lei federal nº 11.645/2008, que determinou o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena na educação básica, tendo como foco o Letramento e a Alfabetização por meio de uma literatura inclusiva.

Nesta aula, daremos continuidade a esse debate, agora buscando pensar acerca do aprender a ler e escrever, por parte da criança, tendo como referências as motivações pessoais destas.

Então vamos lá!!

Como é do conhecimento dos/as docentes muitas são as legislações que determinam o direito da criança e/ou do adolescente à educação básica, podemos citar, por exemplo, a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996). Todas essas legislações advogam que a criança tem direito à educação formal por meio do processo de escolarização.

Então, diante de tantas legislações que advogam que a criança tem direito à uma educação escolarizada, vamos conduzir o nosso diálogo sobre a relação da criança com a escola, mais especificamente sobre o seu desejo de aprender a ler e escrever. Para tanto é preciso dizer que a existência de uma legislação para advogar o direito da criança à educação básica não é por si só um indicativo de sua permanência e bem-estar no espaço escolar.

Sabemos que a criança tem uma vida anterior à escola, e que a fala é a primeira modalidade com a qual ela tem contato, já que é desenvolvida naturalmente no ambiente familiar. Já a escrita é adquirida, preferencialmente, na instituição escolar, e envolve outros saberes, por exemplo, o sistema alfabético e suas normas. Outra diferença diz respeito ao meio de produção: o meio de produção da fala é sonoro; e o meio de produção da escrita é gráfico.

A criança tem contato direto com uma vasta quantidade de informações pertencentes e pertinentes ao sistema de escrita, e assim, toma conhecimento desse sistema de linguagem, por meio de rótulos, cartazes, placas, músicas, dentre outros. Dessa forma, ela vai se aproximando de nosso sistema de escrita e, assim, quando chega aos bancos escolares já é portadora, em certa medida, de algum conhecimento sobre a escrita. Um exemplo, que podemos citar, é o fato de que algumas crianças, por vezes, chegam até aos/as professores/as conhecendo números, bem como as letras de seu nome e/ou letras que tenham significado em sua vida. Logo abaixo colamos uma imagem que evidencia esse tipo de situação, ou seja, o contato com a escrita.



Figura 6 – O contato da criança com a escrita em ambientes não escolar

Fonte: https://www.google.com.br/search?tbm=isch&sa=1&ei=i_juWvbNL8OWw

Todavia, falar e escrever não se apresentam em uma relação dicotômica, pois são produtos de uma mesma língua e possuem características próprias que se misturam e se completam nos eventos comunicativos e demais relações sociais.

Por sua vez, não podemos esquecer que a criança toma conhecimento acerca da existência da escola, muitas vezes pelos membros da família que estão estudando ou já estudaram. Mas também pela experiência de vizinhos e/ou pessoas conhecidas. Dessa forma, a criança vai construindo uma visão ou versão preliminar sobre o funcionamento, atividades, regramento e outras ações desenvolvidas na escola, ou ainda, o que é a Escola.

Nesse sentido, a criança vai construindo, segundo Paulo Freire (1997) sua leitura de mundo. E nesse caso específico, a criança chega à escola com uma visão e/ou versão, ainda que superficial, do seja e para que serve a escola. Assim, podemos dizer, parafraseando Freire (1997), que a leitura de mundo da criança precede a leitura da palavra.

Frente a essa leitura de mundo que a criança já possui ainda que em tenra idade, acreditamos que é de suma importância que professoras e professores se interroguem sobre o que as crianças pensam sobre a escola, e também conheçam sobre o que os/as estudantes esperam, ou seja, suas expectativas acerca da escola. Por certo, essas são questões que podem **sulear**¹⁰ o desenvolvimento das práticas docentes que promovem o ensino com vista à uma aprendizagem significativa.

Ainda que exista uma série de legislações que determinam que a criança e/ou adolescente devam ocupar os bancos escolares, você, professor, e você, professora, já se perguntou sobre as motivações de seus estudantes pela escrita e leitura. Para além de todo o regramento que existe em torno da Alfabetização e do Letramento, você já pensou sobre o que as crianças desejam alcançar e/ou atingir por meio da leitura e da escrita.

Podemos citar exemplos de usos da escrita, feita pelas crianças, e que geralmente é manifestado com alegria e empenho, que se referem à produção de cartões-convites para suas festas de aniversário, cartas /ou bilhetes para os/as amigos/as, professores/as, também para o Papai Noel, etc. Por outro lado, quanto à leitura, os/as estudantes costumam pedir que o/a professor leia história para eles e elas. Logo abaixo expomos algumas imagens dessas produções feitas pelas crianças.



Figura 7 – O uso afetivo da escrita pelas crianças

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=letra+de+crianca&tbm=isch&tbs>

¹⁰Nomenclatura que reinventa e apresenta o Sul (países do Hemisfério Sul) como referencial geográfico e epistemológico (Garcia, XXX). Fonte: <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/706/628>

Avaliamos que essas são informações de grande valor se queremos compreender quais as motivações de nossos alunos e alunas para com o mundo da leitura e da escrita. Afinal de contas, ler e escrever tem uma função social, como bem afirma Kleiman (2013), e por certo, é isso que os/as estudantes evidenciam compreender, quando fazem uso da leitura e da escrita, seja para confeccionar seus convites de aniversários e/ou escutarem histórias.

Na medida em que admitimos que a criança usa a leitura e a escrita partindo de motivações próprias podemos também dizer que ela é um ser que pensa sobre si e age segundo seus interesses e necessidades. Dessa forma, podemos atribuir à criança “um lugar de fala”, dentro do processo de aprendizagem escolar, ou seja, considerá-la com um ser capaz de opinar sobre o mundo em que vive e o que sente por meio desse.

Diante dessas considerações acima, é que indagamos a você professor, a você professora: *Qual o lugar da criança na escola?* ou, *Qual o lugar que a criança ocupa no processo de Letramento e Alfabetização?*

Essas são indagações pertinentes, pois requer que os/as docentes reflitam sobre como a criança é pensada e tratada pela escola quando o assunto é Alfabetização e Letramento.

Importante lembrar que a ideia de criança é um postulado da **modernidade**¹¹, pois durante grande parte da Idade Média esta foi vista com meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. Platão (2010), filósofo grego chegou mesmo a definir a criança como um ser selvagem, devido a sua fonte de razão ainda ser algo indisciplinado, daí uma criatura traiçoeira, astuciosa e insolente. Por sua vez, segundo Sarmiento (2009), na modernidade a criança passou a ser alvo da medicina, psicologia e da pedagogia como destinatárias do trabalho desses/as profissionais, todavia, enquanto alvo de tratamento, da orientação ou da ação pedagógica dos/as mais velhos/as. Para tanto, seres invisíveis, e, portanto, sem direito a pensar e de falar sobre si.

Frente a essas questões, é importante a compreensão que o/a docente tem sobre a criança, pois essa compreensão é definidora do modo como será desenvolvido o Letramento e Alfabetização. Se o/a professor/a acredita que a criança é sujeito pleno de direitos, que pensa e age segundo seus interesses e experiências, a escola será um espaço propício para que a criança conheça e interaja com as mais variadas formas de linguagem (escritas e não escritas). Caso contrário, a escola será esse lugar de fala e voz única, ou seja, apenas o lugar do/as professor/a e/ou do adulto, pois será quem definirá os tipos de leitura e escrita a ser produzida pela criança.

À medida que a criança é cercada, antes mesmo de ir à escola, por uma extensa gama de linguagens, sendo essas: escritas, orais e visuais, ela já dá início a significações, interpretações, percepções, ou seja, já vai construindo

¹¹“Podemos definir modernidade como um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida”.
Fonte: SILVA, Kalina V. & SILVA, Maciel H. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005.

sentidos no/com o texto. Portanto, é possível dizer que socialmente o/a leitor/a, ainda que criança, já é colocado/a à prova acerca de sua capacidade de pensar, interpretar e (re)agir sobre/com essas formas de linguagens.

Dessa forma, a escola deve propiciar ao/a estudante um número extensivo de leituras, estando essas conectadas com o seu contexto social, e por fim, com seu mundo. Segundo Meurer (2002), é justamente, por meio do contato com essas mais diversas formas de linguagem e/ou textos, que o/a aluno/a passa a perceber as muitas práticas discursivas e sociais. Assim, na medida em que a escola apresenta essas formas diversas de linguagem, ela vai permitindo que este/a aluno/a percebe que o texto é algo polifônico, pois lá existem muitas vozes, cabem muitas interpretações, portanto, um lugar para o livre pensar.

No entanto, para que o professor/a ensine o/a estudante a adentrar no íntimo do texto é preciso que ele/ela já tenha percorrido experiência semelhante. Pois, assim, o/a docente atuará como um/a mediador/a, aquele/a que levará os/as alunos/as a olhar, escutar e sentir o que há no íntimo de cada palavra ou de cada frase. Isso porque partimos do pressuposto que a leitura é uma prática social complexa, e que requer do leitor/a muitas habilidades.

Fica então evidente que o/a docente deve ter hábitos de leitura para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças. O que significa, portanto, dizer que o/a professor/a exerce papel fundamental nesse processo de formação do/a leitor/a proficiente, crítico e reflexivo. Sendo essa postura do/a docente evidenciada em sua forma de ser no cotidiano escolar, pelo seu prazer em tratar dos mais variados tipos de texto, como expressa a imagem abaixo.



Figura 8 – O prazer da leitura

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=crianças+lendo+com+o+professor&>

Partimos então da compreensão de que na leitura do texto cabe não apenas as interpretações mais primárias, do tipo quem é o/a autor/a ou qual a intenção do/a autor/a para com essa ou aquela frase. Por certo que essas são

questões a serem consideradas, mas o que estamos querendo dizer é que na leitura do texto cabe ou há espaços para outras nuances, outras interpretações além das óbvias ou ordinárias.

Assim, interpretar vai muito mais além do que o simples ler. Afinal de contas para que se consiga interpretar um texto é preciso um/a leitor/a disposta a adentrar nas veredas de cada palavra e de sua forma literária de ser, buscando estabelecer a interlocução entre leitor/a e autor/a. Segundo Barthes (2013) o envolvimento e interesse do/a leitor/a pelo texto são se justifica apenas porque o texto traz prazer, mas ao se sentir envolvido pelo texto chegará ao prazer que o ato de ler propicia.

Frente às questões até aqui expostas, cabe então, indagar a você professor, a você professora: *Como levar as crianças a se interessarem pelo universo da leitura e da escrita?*

Segundo Kleiman (2005) um dos princípios fundamentais para levar as crianças a se interessarem pela leitura e escrita é o/a docente considerar que elas possuem motivações próprias e que estas estão alicerçadas em suas histórias de vida, como dito anteriormente, em suas leituras de mundo. No entanto, é preciso que se conheça quem são essas crianças, suas experiências e expectativas acerca da escola, que motivações têm para com a leitura e escrita.

Dessa forma, admite-se que as crianças possuem saberes culturais e linguísticos advindos do seu estrato social e cultural. Daí a importância de aproximar os conhecimentos relevantes que a criança possui dos conhecimentos formais da escola. Assim o/a docente atuará como mediador/a para que o/a estudante possa fazer adequações, adaptações e transferências do vivido por ele/as para novas situações de aprendizagem.

Importante dizer que muitos de nós, professores e professoras, tivemos uma experiência negativa quanto à leitura e escrita em sala de aula, sendo essas marcadas por práticas mecânicas e tecnicistas. Onde ler e escrever se constituiu em prática descontextualizada e enfadonha. No entanto, essa é uma situação que não foi de toda alterada, pois hoje ainda é possível tomarmos conhecimento, por parte das crianças, que dizem não gostar de ler porque tem que fazer cópia de textos e/ou estudar prioritariamente os aspectos gramaticais.

Nesses casos, o texto, perde o seu sentido vital, pois serve apenas como (pre)texto para a aquisição de um determinado conteúdo gramatical ou ainda o desenvolvimento da habilidade mecânica de escrever. Nesse caso, a escola consegue destituir as potencialidades contidas no gênero textual reduzindo-o a um objeto vazio.

Frente a essas experiências de insucesso quanto ao uso do texto, é que sugerimos que a escola pode lançar como primeira estratégia pedagógica poten-

cializar o interesse das crianças pela leitura e escrita, por meio do uso dos gêneros textuais que estes/as já estão familiarizados (oral e escrito), como exemplo, propagandas em outdoors, placas de trânsito, cartazes, músicas, dentre outros. Essa pode ser uma forma de valorizar os saberes prévios dos/as estudantes além de contribuir para que aconteça uma aprendizagem significativa.

Esse pode ser um caminho metodológico que possibilitará as condições para que haja a identificação do leitor/a com o texto, e assim propiciar ao leitor/a uma apropriação da leitura como algo ativo, ele/ela atue como sujeito coprodutor e/ou criador de outras leituras e outros textos. Com essa postura metodológica pensamos a leitura e escrita como função de conhecimento, ou seja, como função intelectual, que consiste em desenvolver um o/a leitor/a reflexivo e crítico, sendo possível tornar-se um/a escritor/a de novas ideias.

Por outro lado, sabemos que é somente por meio de novas leituras, que o/a leitor/a é capaz de ressignificar as leituras anteriormente realizadas e interiorizadas, pois assim, será capaz de produzir um diálogo produtivo entre texto/leitor/autor.

Nesse sentido, a escola pode contribuir de forma efetiva para que os/as estudantes construam experiências positivas no campo da leitura e escrever, uma vez que encontrarão sentido para o que leem e escrevem.

Professor, Professora, chegamos ao fim de tópico 1 de nossa segunda aula e esperamos ter contribuído para que você tenha adquirido novas aprendizagens sobre o tema do Letramento e da Alfabetização, levando em consideração o lugar da criança nesse processo de aprendizagem.

No próximo e último capítulo da aula dois aprofundaremos mais o debate sobre o tema do Letramento e da Alfabetização tendo como pano de fundo a construção sócio psicológica da criança negra e não negra no contexto do letramento e da alfabetização. Agora aproveite para colocar suas respostas/reflexões no *chat* que será proposto por seu tutor, em dia e horário a ser por ele informado.

2. A construção sócio psicológica da criança negra e não negra no contexto do letramento e da alfabetização

Esse é o último tópico da aula dois e esperamos que com nossas aulas estejamos contribuindo para o seu processo de formação docente, em especial no campo do Letramento e da Alfabetização.

Vimos anteriormente, no tópico um dessa aula acerca do aprender a ler e escrever, por parte da criança, tendo como referências as motivações pessoais destas. Agora vamos abordar sobre a construção sócio psicológica da criança negra e não negra no contexto do letramento e da alfabetização. Então vamos lá!

Queremos iniciar esse tópico solicitando que observem atentamente a imagem abaixo.



Figura 9 – A presença da diversidade etnicorracial na escola

Fonte: <https://www.google.com.br/search?biw=1280&bih=686&tbn=isch&sa>

Feito isso lhes perguntamos: Quais são as condições sociais e psicológicas necessárias para que as crianças desenvolvam uma aprendizagem significativa? ou, Que emoções permeiam o processo de aprendizagem das crianças?

Essas indagações estão diretamente ligadas ao fato de temos observado que é muito comum a escola explicar, por meio da ausência de uma suposta maturidade, o insucesso das crianças junto ao processo de letramento e alfabetização. Assim, argumenta-se que existe uma condição biológica ideal, ou seja, maturidade biológica para que o/a estudante aprenda.

Nesse sentido, a maturidade biológica seria a justificativa para o insucesso das crianças na escola. Ideia essa que está fortemente amparada na existência dos estágios do desenvolvimento como apresentado por Jean Piaget (1995). Logo abaixo colocamos como se dá, segundo Piaget o desenvolvimento cognitivo, estando esse dividido em 04 (quatro) períodos ou estágios gerais, sendo:

- 1.º estágio: denominado *estágio sensório-motor* (0 – 2 anos de idade);
- 2.º estágio: conhecido como *estágio pré-operatório* (2 – 7 anos de idade);
- 3.º estágio: chamado de *operações concretas* (7 – 13 anos de idade);
- 4.º estágio: denominado *operatório-formal* (13 anos em diante).

Dessa forma, segundo Piaget o ser humano é portador de uma estrutura biológica que o possibilita desenvolver o mental. No entanto, Vigotsky (2007) afirma que a maturação *per se* é um fator secundário frente ao desen-

volvimento das formas típicas e mais complexas do comportamento humano. Ou seja, a maturação, assim tratada como algo isolada ou passiva não pode descrever ou explicar os fenômenos complexos a que somos submetidos. Vigotsky chega mesmo a citar os estudos de A. Gesell (1930) para dizer que esse modo de pensar o desenvolvimento infantil faz uma analogia à botânica, pois ainda hoje se diz comumente que os primeiros anos de educação da criança ocorrem no “jardim de infância”.

Ao defendermos que a criança não desenvolve uma aprendizagem segundo o que se espera biologicamente dela, tendo como referência os períodos ou fase de desenvolvimentos biológicos, é negar que a criança está envolta em uma cultura, possui uma raça/etnia, tem uma condição social e econômica, etc., sendo estes também fatores de definição para que ocorra a aprendizagem.

Outro elemento abordado por Vigotsky é o fato de que as crianças ainda em fase inicial de vida buscam, por meio da observação e de imitação, se apropriar e controlar o ambiente, tentando reproduzir o que vê. Por outro lado, mas de forma paralela, a criança, vai por meio da fala, desenvolvendo operações intelectuais. Um bom exemplo, desse tipo de situação é quando a criança quer atingir um objetivo ou como realizar algo, no campo físico e/ou intelectual, ela faz uso da fala.

Para melhor exemplificar, basta que lembremos, por exemplo, que a criança pequena somente nomeia o que desenhou após completa-los, no entanto, ela usa a fala como esforço ativo anterior à resolução da questão em si, e assim, ela fala por repetidas vezes o que foi solicitado. Dessa forma, é possível dizer, segundo Vigotsky, que a criança usa inicialmente a fala, e em muitos casos também faz uso dos olhos e das mãos, como elementos para concluir ou resolver uma atividade prática.

Vigotsky diz que essa ação de falar, gesticular e observar, enquanto desenvolve uma atividade voluntária ou não, a criança, faz o uso emocional da linguagem. Em estudos desenvolvidos por Vigotsky e sua equipe, com crianças pequenas, foi possível evidenciar que quanto menor é a ajuda do adulto para cumprir uma ação maior é a produção da fala egocêntrica, por parte da criança.

Dessa forma, a criança pequena, usa da fala egocêntrica, enquanto busca resolver uma situação, sendo esse o campo ou espaço que a criança tem para não apenas planejar a resolução de algo, mas também para criar ou esquematizar algo. Portanto, a criança, tem na fala egocêntrica, um momento preliminar do desenvolvimento de inteligência. Sendo que muitas vezes as repostas são dispersas e caóticas.

¹²Preconceito é um juízo pré-concebido, que se manifesta numa atitude discriminatória perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento crítico ou lógico. Fonte: <https://www.significados.com.br/preconceito/>

¹³O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. Fonte: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoões-de-raca-racismo-identidade-e-et>

¹⁴Fonte: O psicólogo norueguês Dan Olweus (1978), da Universidade de Bergen, foi o pioneiro a relacionar a palavra bullying ao fenômeno, pois ao pesquisar as tendências suicidas dos adolescentes, Olweus descobriu que a maioria destes jovens já havia sofrido algum tipo de ameaça ou humilhação e que, portanto, bullying era um mal a combater. em casos de bullying. Fonte: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/definicao-de-bullying/31918>

¹⁵Fonte: <https://mundonegro.inf.br/o-constrangimento-das-criancas-negras-nas-aulas-sobre-escravidao-e-abolicao/>

Segundo Vigotsky, essa situação é alterada em crianças maiores uma vez que estas usam a fala egocêntrica antes de se colocarem em atuação para resolver algo, ou seja, primeiro planejam e somente depois executam a ação. O autor chega a citar como exemplo a produção de desenho em que a criança traça um planejamento do que irá desenhar.

Dessa forma, a escola, tendo por consideração os processos sociais e psicológicos a que as crianças são submetidas poderá planejar com maior precisão o desenvolvimento das atividades voltadas ao letramento e alfabetização. Isso porque na medida em que a escola conhece as condições sociais e psicológicas das crianças que atende maiores são suas condições de propor atividades diretamente ligadas às motivações e interesses de seus/suas estudantes.

Nesse sentido, é preciso considerar que a escola acolhe uma grande variedade de criança, no entanto, estas nem sempre estão submetidas a condições sociais e psicológicas idênticas. Ou seja, ainda que as crianças façam parte de um mesmo contexto escolar elas podem vivenciar situações que dificultam ou impedem que o processo de aprendizagem ocorra de modo satisfatório. Podemos nesse caso trazer, por exemplo, o caso de muitas crianças brancas e/ou não negras são vítimas de preconceito e também de crianças negras que vítimas de **preconceito**¹² e/ou **racismo**¹³ antinegro e também de **bullying**¹⁴ dentro e fora do contexto escolar.

Um exemplo de situações racistas é o desprestígio em que crianças negras são colocadas frente às demais crianças nos livros didáticos. Outra situação é quando o assunto da aula se refere ao processo de escravidão negra. Recentemente em um **programa de televisão**¹⁵ três negros/a evidenciaram como se sentiam frente a tal situação. Logo abaixo colocamos suas falas: 1- “O pior momento da escola era quando falavam sobre escravidão. Eu me sentia humilhado, pouco protagonista”, descreve o professor o professor Doutor Hélio Santos; 2- “Era desagradável (falar sobre abolição), já que o protagonismo da nossa história não era nosso” explica a Phd em Física Sonia Guimarães (a primeira negra com esse título no Brasil); e 3- “Era comum sermos alvos de piadas e insultos”, explicou rapper Emicida.

Mas também podemos citar o caso de crianças negras, brancas e/ou não negras que são vítimas de **bullying**. No Brasil, o **bullying** é tratado como uma questão de saúde pública. Isso porque segundo dados do Fundo das Nações Unidas para Infância (Unicef) colocam o Brasil como 4º país com maior prática de **bullying** no mundo. Pesquisas evidenciam que 43% dos/as estudantes entre 11 a 12 anos afirmaram já terem sido vítimas de violência física ou psicológica na escola, como por exemplo, pelo fato de serem gordas ou magras.

Logo abaixo colocamos duas imagens que representam o estado psicológico de tristeza vivenciado por crianças negras vítimas de racismo e também de crianças brancas e/ou não negras vítimas de **bullying**.



Figura 10 – Sofrimento na escola devido ao Racismo e ao Bullying

Fonte: <https://www.google.com.br/search?biw=1280&bih=686&tbn=isch>

No entanto, é preciso atentar que se algumas vezes, o *bullying* é erroneamente tratado como uma simples brincadeira, mesmo no meio estudantil, principal ponto de encontro de crianças e adolescentes. Por outro lado, o racismo também é considerado como incluso nas práticas de *bullying*, ideia essa rejeitada pelo movimento negro, uma vez que essa pode ser uma estratégia para minimizar o próprio racismo e seus efeitos danosos no campo social, cultural e psicológico, não apenas individualmente, mas sobre toda uma população negra no Brasil e no mundo.

Não seria nenhum tipo de exagero a afirmativa de que as crianças podem apresentar dificuldades de aprendizagem quanto são vitimadas pelo racismo, *bullying* e também por outras situações.

Nesse sentido, é possível dizer que no caso específico do Brasil, a concepção de desenvolvimento da inteligência humana de Piaget, sedimentada apenas na maturidade biológica, não tem contribuído para o debate acerca do racismo, e de outras questões vividas, por crianças, jovens e adultos, negras e não negras, dentro e fora do cotidiano escolar. Portanto, esse tipo concepção tem influenciado de sobremaneira negativa a construção sócio psicológica da criança negra e não negra no contexto do letramento e da alfabetização.

Dessa forma a escola deve estar preparada para identificar e coibir práticas racistas e outras que venham a impedir que o/a estudante se desenvolva positivamente sua capacidade física, intelectual e psicológica. Nesse sentido, a escola deve tratar do racismo, *bullying* e de outros temas que afetam a vida dos/as estudantes como conteúdo escolar, pois essas questões as afligem por estarem presentes dentro e fora do cotidiano escolar.

Segundo Vigotsky para que haja interesse da criança pelos conteúdos ministrados pela escola é preciso que estes conteúdos estejam diretamente ligados aos seus interesses. Esse autor chega mesmo a dizer que esse deve ser o preceito psicológico da educação e que se o/a professor/a tem conhecimento acerca dos interesses do/a estudantes esse/a tem como tornar o estudo de um conteúdo como algo pessoal.

Desse modo, a escola estará promovendo práticas docentes voltadas para o trato de temáticas que afetem a vida dos/as estudantes. Assim, ao tratar de um conteúdo tendo pela consciência de que este permeia ou está imbrincado na vida dos/as estudantes poderá ainda promover a educação dos sentimentos e/ou das emoções. De modo que ao tratarmos de qual assunto, seja ela qual for, devemos procurar atingir os sentimentos dos/as alunos/as.

Vigotsky chega a afirmar que a escola muitas vezes considera os sentimentos e/ou emoções como algo de menor valor frente ao ato de pensar. Dessa forma, a escola promove uma supervalorização do intelecto em relação às emoções que o/a estudante porta quanto ao trato de uma temática. Sendo que, se em muitas situações de ensino a criança se sente tranquila, por vez ela também pode se sentir intranquila ou mesmo desconfortável com o trato de algum assunto.

Nesse contexto, a escola é de fundamental importância, tenha consciência de que a criança aprende e se desenvolve na relação com outras crianças e também com o adulto, nesse caso o/a professor/a. Assim, é de suma importância que o/a docente se manifeste quanto à sua forma de pensar e agir quanto a temas tão delicados, como os citados acima. Portanto, a escola deve contribuir positivamente para as crianças possam usar da linguagem (escrita e oral) para dizer sobre o que sente e vive, dentro e fora da escola.

Del Ré (2006), ao tratar da linguagem enquanto teoria e prática, afirma que a aquisição de habilidades por parte da criança depende da instrução dada pelo adulto. E no caso específico da escola, o/a docente tem um papel fundamental na medida em que pode trazer para o processo de alfabetização e do letramento temáticas que permitam às crianças pensarem sobre suas histórias de vidas. Sendo essa uma estratégia pedagógica para que as crianças desenvolvam a capacidade intelectual e emocional de forma articulada.

Nesse sentido, concordamos com Vigotsky quando este afirma que não basta que a criança esteja exposta a interação social, mas ela precisa além de aprender com outras crianças e com o adulto a construir também o seu conhecimento de mundo. Sendo, portanto, a criança capaz de atuar com o interlocutor, como sujeitos de diálogos, e indo mais além, pois na medida em que desenvolve “a capacidade de representar as intenções, a atenção e o conhecimento daquele com quem interage” ela consegue tornar-se independente do enunciado do outro, combina vocábulos e passa a construir seu próprio discurso.

Na medida em que a criança começa a produzir pensamento ela está essencialmente produzindo discurso sobre si e sobre o mundo que a cerca. No entanto, segundo Vigotsky, o discurso interior difere do discurso exterior, pela sua própria natureza psicológica. Assim, tendo como premissa que a criança é capaz de produzir sobre si e o mundo que a cerca, a escola poderá tratar do processo de letramento e alfabetização considerando o lugar social e psicológico da criança e/ou estudante.

Dessa forma, a escola poderá promover o letramento e a alfabetização tendo como referência as condições sócio psicológicas de seus/suas alunos/as, de modo a positivar, por meio de suas práticas pedagógicas, cada ser humano que chega à escola em busca de aprender e desenvolver a leitura e a escrita, com eficiência.

Professor/a, chegamos ao fim de nossa segunda aula e também desse módulo. Esperamos ter contribuído de forma efetiva para com o seu processo de formação docente, de modo que tenha conseguido refletir sobre as mais diversas questões aqui abordadas sobre o processo de Alfabetização e seus fundamentos psicológicos e psicolinguísticos.

Síntese do capítulo



Nesse capítulo buscamos discutir sobre o lugar de importância que o/a docente ocupa na escola no sentido de levar as crianças a se interessarem pelo mundo da leitura e da escrita. Para tanto, será necessário entender que a criança possui interesses e motivações próprias para o uso da leitura e da escrita, e que requer que o/a docente as conheça buscando assim conduzir com maior precisão suas práticas docentes quanto ao Letramento e a Alfabetização. No entanto, é preciso pensar a escola como um espaço que abriga e acolhe alunos/as diversos, seja devido a cultura, raça/etnia e/ou sexo. Nesse sentido, é preciso pensar sobre a construção sócio psicológica da criança negra e da não negra no contexto do letramento e da alfabetização, sendo comum a presença do racismo e do *bullying* na escola, o que requer a intervenção da escola como ações voltadas ao seu enfrentamento.

Atividades de avaliação



1. Tendo como referência a importância do/a docente ler e escrever construa um texto citando e narrando alguns livros lidos e suas contribuições para sua formação intelectual. Importe citar pelo menos 03 (três) livros.
2. Narre pelo menos duas experiências ocorridas em sala de aula em foi possível evidenciar o interesse dos/as estudantes pela leitura e escrita.
3. Tendo como referência as condições sócio psicológicas dos/as estudantes dentro do processo de letramento e alfabetização, destaque algumas situações de conflitos vividos em sala, tendo como referência conflitos raciais.
4. Narre pelo menos duas experiências ocorridas em sala de aula em foi possível abordar um tema em sala de aula, tendo como referência os interesses e emoções dos/as estudantes.

Leituras, filmes e sites



BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRUNER, J. S. A vontade de aprender. In: _____. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Tradução de Norah Levy Ribeiro. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1996. p. 133-147.

MUNANGA, k. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Portal Geledes**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/>.

Referências



BARTHES, R. **O prazer do texto**. Perspectiva, 2013.

DEL RÉ, A. A pesquisa em Aquisição da linguagem: teoria e prática. In: DEL RÉ, A. (org.). **Aquisição da linguagem** – uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

KLEIMAN, Â. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. São Paulo: Pontes, 2013.

MEURER, J. L. **O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

PIAGET, J. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/DEBAS, 1995.

PLATÃO. **As leis, ou da legislação e epinomias**. Tradução de Edson Bini. 2. ed. Bauru, SP: Edipro, 2010.

SARMENTO, M. J. A sociologia da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANGANI, M. C. (Orgs.). **Sociologia da infância e formação de professores**. Porto Alegre: Editora Purcs, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla, Luís Silveira Menna Barreto e Solange C. Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sobre a autora

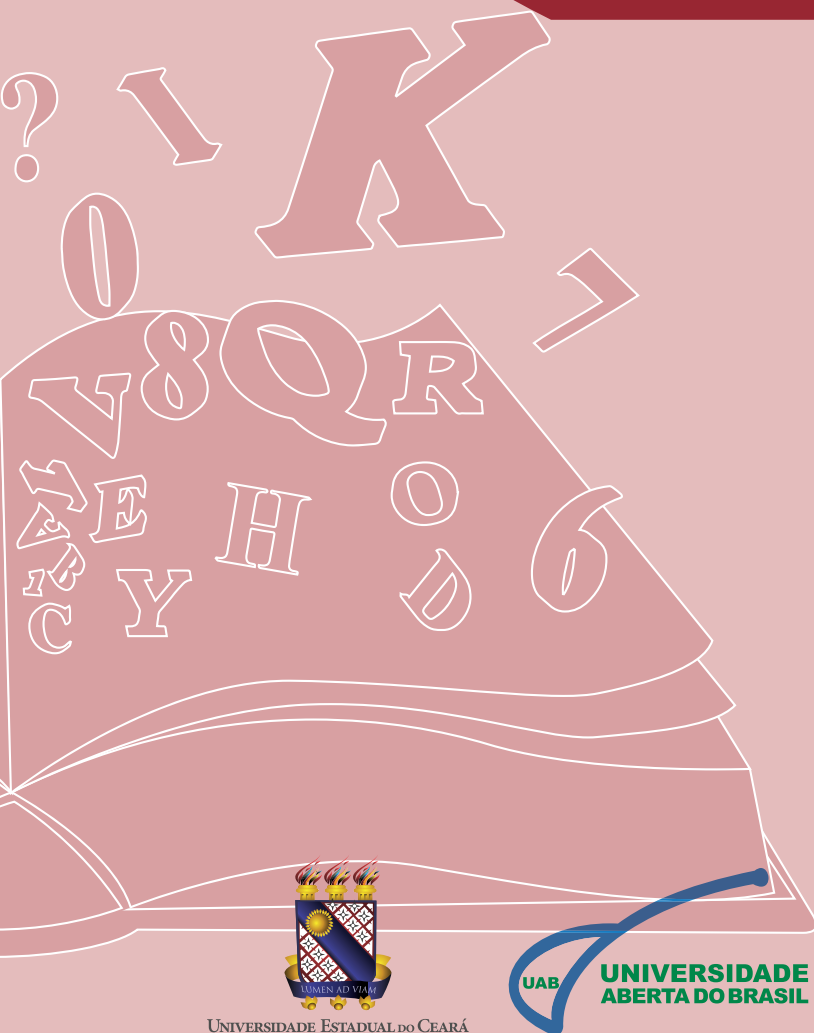
Geranilde Costa e Silva: doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), em Redenção (Ce). Foi por meio de experiências como professora da escola pública municipal de Fortaleza (Ce) que me interessei em aprofundar os estudos sobre o processo de Letramento e Alfabetização, no sentido de cada vez mais melhorar minha prática docente e qualidade do aprendizado dos/as estudantes. Hoje, na condição de docente universitária desenvolvo estudos sobre a Infância e o Processo de Letramento e Alfabetização, para assim, contribuir da melhor forma para com o processo de Formação de Professores/as.



Especialização em
Alfabetização e
Multiletramento

Fiel a sua missão de interiorizar o ensino superior no estado Ceará, a Uece, como uma instituição que participa do Sistema Universidade Aberta do Brasil, vem ampliando a oferta de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade de educação a distância, e gerando experiências e possibilidades inovadoras com uso das novas plataformas tecnológicas decorrentes da popularização da internet, funcionamento do cinturão digital e massificação dos computadores pessoais.

Comprometida com a formação de professores em todos os níveis e a qualificação dos servidores públicos para bem servir ao Estado, os cursos da UAB/Uece atendem aos padrões de qualidade estabelecidos pelos normativos legais do Governo Federal e se articulam com as demandas de desenvolvimento das regiões do Ceará.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

